

Maternidade do HU está superlotada

Ontem, unidade chegou a ser fechada, mas foi reaberta pela direção; situação é provocada pelo alto número de gestantes do interior

THAYANNE MAGALHÃES
REPÓRTER

A superlotação da Maternidade do Hospital Universitário (HU), onde também funciona provisoriamente a Maternidade Santa Mônica, compromete a capacidade de atender a sua principal finalidade, que são as gestantes de alto risco. Ontem, a maternidade chegou a ser fechada, mas foi reaberta por determinação da direção da unidade.

Em entrevista a Tribuna Independente, a coordenadora médica da maternidade, Lúcia Amorim, falou que a unidade vai continuar atendendo as parturientes, mas a prioridade é para aquelas de alto risco. "Pedimos para que todas as gestantes procurem uma maternidade de risco habitual. Lá, constatando o alto risco, a Cora (Central de Regulação de Serviços de Saúde) providenciará o encaminhamento para unidade adequada", afirma a médica.

DESABAFO

Segundo a obstetra do HU, Valtenice Veloso, a superlotação em que a maternidade se encontra está relacionada

a falta de atendimento específico nos municípios. "Essa situação precária não é novidade para mim. Vivencio esse transtorno há anos e me parece que em Alagoas isso já está virando algo cotidiano. A questão toda se resume à gestão pública e eu me pergunto para onde é que vão os recursos da Rede Cegonha se não para investir em obstetria nos hospitais públicos do interior", disse a obstetra, que há 26 anos atua na rede pública de saúde do Estado e demonstra revolta com a situação pela qual as gestantes têm que passar por não lhes restar alternativa.

"Existe uma defasagem de assistência nas cidades do interior do Estado, e por isso os médicos mandam todas as pacientes para serem atendidas aqui. Muitas vezes são gestantes sem alto risco e que poderiam ter um parto normal em suas cidades, mas o poder público não investe em médicos especialistas. A maioria dos hospitais do interior conta apenas com clínico e enfermeiros", afirma a médica.

De acordo com a obstetra, cada hospital público das cidades do interior deveria contar



Maternidade do HU não tem leitos suficientes para atender à demanda; na tarde de ontem a situação era a de pacientes em cadeiras e macas no corredor

com um pediatra e um obstetra, além do clínico. "Isso diminuiria a demanda de pacientes que vêm para Maceió, muitas vezes desnecessariamente, antes da hora do parto, apenas por sentir uma dor. Mas um clínico não é capaz

de diagnosticar e encaminhar para a maternidade. O que eu insisto em questionar é: para onde está indo o recurso da Rede Cegonha, do Governo Federal? A verba chega, mas não está sendo investida na contratação de equipes mé-

dicas. Tem que haver uma investigação policial em relação a isso. Não podemos mais aceitar esse tipo de situação, esse descaso do poder público", enfatiza.

A médica informou que além da falta de leitos, faltam também

medicamentos e até as "escovinhas para os médicos lavarem as mãos". A maternidade do HU é composta por 12 leitos, e até a tarde de ontem, 33 gestantes aguardavam por atendimento, muitas em macas espalhadas pelo corredor da unidade de saúde.

ADAILSON CALHEIROS